

**Religião e política se discutem:
o projeto de poder político dos neopentecostais
brasileiros contemporâneos**

**Religion and politics are discussed:
the project of political power of contemporary
Brazilian neo-Pentecostals**

*Marcela Tavares de Mello¹
Enoghalliton de Abreu Arruda²
Anny Ramos Viana³*

RESUMO

Este artigo analisa o projeto de poder político dos neopentecostais brasileiros contemporâneos, buscando compreender como e por que um país que praticamente não tinha histórico de clivagens religiosas dentro do sistema partidário, viu a proliferação repentina de políticos neopentecostais, mobilizando seus eleitores de uma maneira que os movimentos católicos, nem mesmo da sua base progressista, foram capazes de fazer. O presente estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, do tipo descritiva. Diante da atual conjuntura político-religiosa no país, pode-se esperar um aprofundamento dos discursos conservadores e moralistas, que podem prejudicar significativamente os direitos humanos fundamentais, além de um cerceamento às liberdades individuais e ao pluralismo religioso, com atitudes e visão de mundo que dificilmente seja o tipo de mentalidade que ajudará o país, como sociedade, a participar plenamente do mundo moderno da democracia.

¹ Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF RJ.

² Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP RJ.

³ Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória – FUV ES.

PALAVRAS-CHAVE

Neopentecostalismo; Poder político; Liderança religiosa.

ABSTRACT

This paper analyzes the political power project of contemporary Brazilian neo-Pentecostals, seeking to understand how and why a country that had practically no history of religious divides within the party system, saw the sudden proliferation of neo-Pentecostal politicians, mobilizing its voters in a way that Catholic movements, not even from its progressive base, had been able to do. The present study was developed through a bibliographic search, of the descriptive type. In view of the current political-religious situation in the country, one can expect a deepening of conservative and moralistic discourses, which can significantly harm fundamental human rights, in addition to a restriction on individual freedoms and religious pluralism, with attitudes and worldview that it is hardly the kind of mentality that will help the country, as a society, to participate fully in the modern world of democracy.

KEYWORDS

Neopentecostalismo; Political power; Religious leadership.

Introdução

No Brasil, as igrejas neopentecostais tornaram-se, por um lado, uma espécie de campo de criação eleitoral, e por outro, centros de difusão de propaganda eleitoral para aqueles que a representam e que, se eleitos, podem oferecer vantagens e poder. O neopentecostalismo é uma forma de cristianismo derivada do pentecostalismo, que enfatiza o trabalho do Espírito Santo e a experiência direta da presença de Deus, acreditando que a fé deve ser experimentada e não algo encontrado meramente através de rituais ou pensamentos. Assim, seus membros acreditam que o poder de Deus se move dentro e através deles.⁴

⁴ PARKER, C. (Ed.). *Religión, cultura y política en América Latina: nuevos enfoques*. Introdução. Santiago do Chile: Universidade de Santiago do Chile, 2012, p. 27.

As igrejas neopentecostais, do mesmo modo que as pentecostais, enfatizam a importância das conversões, que equivalem a um batismo no Espírito. Isso encheria o crente com o Espírito Santo, dando-lhe a força para viver uma vida verdadeiramente cristã. A experiência direta com Deus seria revelada pelos dons desse Espírito, como falar em línguas, profecias e curas. Sua crença é baseada em um evento importante na vida dos primeiros cristãos: o batismo dos doze discípulos por esse Espírito Santo, no dia de Pentecostes⁵. Nesse sentido, creem que seu movimento estaria retornando a uma forma pura e simples do cristianismo, que tem muito em comum com o estágio inicial da vida da igreja cristã.⁶

O que se destaca no neopentecostalismo é a priorização da vida aqui e agora, em lugar da preocupação voltada somente ao mundo pós apocalipse, além de ele ser mais sectário e ascético, mudando sua prioridade. Dessa forma, tornaram-se mais imediatistas e pragmáticos, buscando viver uma vida materialmente boa e confortável neste mundo, antes de alcançarem o paraíso.⁷

O neopentecostalismo não se refere a uma igreja em si, mas a um movimento de renovação ou reavivamento que inclui muitas denominações distintas, nem sempre sendo fácil saber se determinada igreja é pentecostal ou neopentecostal, pois muitas não incluem essa palavra em seu nome. Embora se diga que o neopentecostalismo está enraizado na experiência e não na teologia, estes baseiam sua teologia no texto da Bíblia, que consideram inerrante e acreditam ser a palavra de Deus. Essas igrejas têm conseguido trazer para o seu campo diversas denominações que antes faziam parte do pentecostalismo e mesmo do protestantismo histórico.⁸

⁵ O dia de Pentecostes, de acordo com a Bíblia, ocorreu quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos de Jesus, levando-os a falar em várias línguas, como evidência de que haviam sido **batizados no Espírito**. Os pentecostais acreditam que este não foi um evento pontual, mas algo que pode e acontece todos os dias. SILVA, Y. G.; COELHO, L. D.; VIEIRA, R. C. C. A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para difusão do cristianismo. *Sacrilegens*, v. 9, n. 1, p. 165-176, 2012, p. 167.

⁶ SILVA; COELHO; VIEIRA, 2012, p. 167.

⁷ MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 8-9.

⁸ COSTA, M. C. C. Mudança de *ethos* do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo. Estudo de caso: a Assembleia de Deus em Imperatriz-MA. 2011. 159f.

O Brasil, considerado o país com maior número de católicos no mundo, vive uma transição religiosa, marcada pela diminuição da presença católica e um aumento constante de evangélicos, aqui incluídas diversas denominações, sendo estimado que até o ano de 2032, haja uma maioria evangélica no país. Um dos assuntos mais controversos entre os cientistas políticos brasileiros é a onda de ativismo religioso evangélico e especificamente neopentecostal no país, desde meados da década de 1980, e sua influência na participação política. Segundo Dias, estas formas alternativas de religiosidade se manifestaram “numa mescla estonteante de emancipação individualista, autoritarismo e visão mágica do mundo”.⁹

A relação entre o crescimento neopentecostal e a política pode ser observada no crescimento amplamente evidente no Congresso Nacional, que possui uma expressiva bancada religiosa, denominada Bancada Evangélica.¹⁰

A transição do Brasil para a democracia estimulou um pluralismo religioso que criou incentivos para os evangélicos se tornarem fortemente envolvidos na mídia e na política formal, a fim de continuar sua tradição de busca por seguidores e privilégios do Estado, que antes se voltavam somente à Igreja Católica.¹¹

As igrejas, em especial as neopentecostais, tornaram-se uma das instituições pelo controle do poder estatal, com a justificativa de uma pauta moral e desalojamento do maligno, instalado nas instituições, cabendo, assim, a essas denominações religiosas construir um Estado cristão.¹²

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011, p. 21.

⁹ DIAS, Z. M. Sobre o Protestantismo Brasileiro: suas contradições e desafios. (Algumas anotações histórico-teológicas sobre sua inserção no interior da cultura brasileira). *Reflexus, Revista de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 9, n. 15, p. 75-87, 2016, p. 77.

¹⁰ ALVES, J. E.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L. F.; CARVALHO, A. A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo e Sociedade*, v. 29, n. 2, p.215-242, 2017, p. 221.

¹¹ MACHADO, M. D. C.; BURITY, J. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. *Dados*, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014, p. 604.

¹² RAMOS, A.; ZACARIAS, N. V. Neopentecostais e o projeto de poder. *Le Monde Diplomatique*. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/neopentecostais-e-o-projeto-de-poder/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi analisar o projeto de poder político dos neopentecostais brasileiros contemporâneos, buscando compreender como e por que um país que praticamente não tinha histórico de clivagens religiosas dentro do sistema partidário, viu a proliferação repentina de políticos neopentecostais, mobilizando seus eleitores de uma maneira que os movimentos católicos, nem mesmo da sua base progressista, havia sido capaz de fazer.¹³

O neopentecostalismo

Embora o movimento neopentecostal seja moderno, suas raízes remontam à tradição wesleyana, do século XVIII, que foi uma reação contra a formalidade e o ritualismo das igrejas cristãs tradicionais da época, ensinando que os cristãos precisavam ser transformados por uma experiência pessoal da verdade de Cristo, que só poderia ser obtida através do poder do Espírito Santo. Os membros dessa tradição metodista experimentaram o batismo no Espírito Santo, uma característica importante de todas as igrejas da santidade.¹⁴

O pentecostalismo começou em diferentes partes do mundo durante o final do século XIX e as igrejas pentecostais variam muito, havendo poucas fronteiras claras entre as mesmas. Nesse sentido, não se refere a uma base dogmática nem a uma estrutura institucional comum e sua unidade “não pode ser descrita da maneira como a história da igreja tradicional lida com a ortodoxia oriental, o catolicismo romano, o luteranismo alemão e assim por diante”.¹⁵

O movimento teria sido uma expressão do descontentamento social e teológico entre os grupos das classes baixa e média dos Estados Unidos e seus defensores teriam desaprovado a impiedade nas principais denominações religiosas que os alienava da crescente riqueza de suas igrejas. Assim, não contentes em permanecer nessas igrejas, formaram novas

¹³ COSTA, 2001, p. 23.

¹⁴ MACHADO; BURITY, 2014, p. 617.

¹⁵ BERGUNDER, M. The cultural turn. In: ANDERSON, A.; BERGUNDER, M.; DROOGERS, A.; VAN DER LAAN, C. (Eds.). *Studying global pentecostalism: theories and methods*. Berkeley: University of California Press, 2010, p. 57.

comunidades religiosas. Esses ex-metodistas, presbiterianos e batistas acreditavam que estavam experimentando um derramamento renovado do Espírito Santo, assim como a igreja primitiva experimentara (Atos dos Apóstolos 2-4).¹⁶

O pentecostalismo encontrou rejeição e até oposição de igrejas cristãs mais antigas e, em alguns casos, enfrentou perseguição apoiada pelo Estado. Nesse contexto e devido à sua perspectiva escatológica, muitos pentecostais viam a busca pela unidade das igrejas como um projeto de Satanás. Essa atitude negativa foi reforçada pelo fato de que o movimento logo assumiu as posições do movimento evangélico e foi fortemente influenciado por sua orientação social e política da igreja.¹⁷

Uma diferença marcante entre as tradições anteriores e o movimento pentecostal está na fala em línguas como um sinal físico do batismo no Espírito.¹⁸ O conflito teológico subjacente a isso é que os membros da tradição da santidade acreditavam que a história do Pentecostes não precisava ser interpretada de forma literal nos tempos modernos, enquanto os primeiros pentecostais estavam comprometidos em ver o batismo no Espírito como uma reencenação absoluta do dia de Pentecostes, onde podem receber outros dons sobrenaturais que supostamente existiam na igreja primitiva: a capacidade de profetizar, curar ou interpretar e/ou falar em línguas. A cura pela fé também faz parte da tradição pentecostal, que reflete padrões de fé e prática característicos das igrejas batista e metodista, denominações protestantes das quais a maioria da primeira geração de pentecostais se originou.¹⁹

Os pentecostais se dividiram em muitas denominações, devido a diferentes interpretações literais ou figurativas da Bíblia, número de etapas

¹⁶ ANDERSON, R. M. *Vision of the disinherited: the making of american Pentecostalism*. Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 69.

¹⁷ ROBRA, M. The world council of churches and Pentecostals. *The Ecumenic Review*, v. 71, n. 1-2, p. 161-174, 2019, p. 168.

¹⁸ Glossolalia (fala em um idioma desconhecido) ou xenoglossia (discurso em um idioma conhecido por outras pessoas, mas não pelo falante). Falar em línguas é considerado um dos dons do Espírito descrito pelo apóstolo São Paulo (1 Coríntios 12).

¹⁹ SHAPIRO, M. Brajisaalem. "Biblical cosmology, power dynamics and the Brazilian political imagination". *Ethnos Journal of Anthropology*, v. 73, n. 1, p. 1-21, 2019, p. 6.

no processo de salvação (em duas ou três etapas), experiência(s) direta(s) com Deus (por meio de contato através de sonhos, visões, vozes, impressões e sinais), relacionamento pessoal com Jesus Cristo e segundo batismo em uma experiência pós-conversão com o Espírito Santo (como primeiro evidenciado por falar em línguas ou por outros dons espirituais). Um ponto importante de divisão dentro do movimento é o do processo de salvação. Muitos pentecostais aderem a um plano de salvação em três etapas, argumentando que uma crise pessoal desencadeia a conversão, a conversão desencadeia a santificação (o processo pelo qual um crente é feito para se conformar à imagem de Cristo), e a santificação leva o crente a receber o batismo no Espírito Santo. As diferenças de opinião frequentemente surgem sobre pontos como se a santificação ocorre instantaneamente após a conversão ou se o cristão convertido se santifica pelo crescimento progressivo da graça e se o batismo do Espírito Santo pode ocorrer a qualquer momento na jornada de um crente ou se é uma experiência que acontece após a conversão.²⁰

Ao longo do século XX, o pentecostalismo cresceu e seus missionários levaram suas representações religiosas principalmente para a África, Ásia e América Latina. No caso da população latino-americana, ocorreu uma grande transformação no campo religioso, onde o catolicismo começou a perder sua hegemonia e nível de influência, com uma infinidade de alternativas religiosas, que ameaçam o denominado ‘continente católico’, com todas as implicações políticas e culturais que isso implica, até os dias atuais.²¹

A partir da década de 1970, começaram a surgir diversas denominações que, apesar de adotarem muitas práticas pentecostais, não se alinharam a nenhuma daquelas já existentes, sendo denominadas de neopentecostais. Essas religiões conquistaram rapidamente muitos seguidores em todo o mundo, apresentando características que diferem do pentecostalismo, apesar de serem fruto deste. O culto neopentecostal é menos formal e mais emocionalmente expressivo do que o de outras tradições

²⁰ WHITE JR, C. *The rise to respectability: race, religion, and the Church of God in Christ*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2012, p. 23.

²¹ PARKER, C. ¿América latina ya no es católica? El incremento del pluralismo cultural y religioso. In: LLAMBIAS-WOLFF, J. (Ed.). *América Latina: paradigmas y desafíos del siglo XXI*. York: York University Bookstore, 2012, p. 149.

cristãs. Os participantes adoram com corpo, alma e coração, bem como com suas mentes.²²

O fenômeno do neopentecostalismo apresentou transformações não somente teológicas, mas principalmente comportamentais, axiológicas, ascéticas e sectárias, adaptando-se à cultura e à sociedade de consumo. Nesse contexto, os neopentecostais não somente tornaram-se formadores de opinião, através da pregação em massa nos meios de comunicação, mas também conseguiram alcançar outros níveis do arranjo social, como a política, onde antes as denominações evangélicas tradicionais e os pentecostais possuíam uma tímida participação. De acordo com Mariano, se anteriormente, a máxima “crente não se mete em política” era recorrente, a partir de então, a frase “irmão vota em irmão” foi incorporada ao discurso religioso neopentecostal.²³

Apesar da diversidade, também é possível observar uma similaridade entre as igrejas pentecostais e neopentecostais. Anderson²⁴ utiliza a analogia da semelhança familiar, ou seja, embora os membros de um grupo familiar não sejam iguais, apresentam semelhanças entre si. Robbins se refere ao neopentecostalismo como “uma rede distinta de pessoas mantidas juntas por suas publicações e outras produções da mídia, conferências, reuniões de avivamento e viagens constantes”.²⁵ Observa-se, portanto, diante destas afirmações, a sua natureza fluida e mutável.

Veliq apresenta como características principais do neopentecostalismo o forte apelo popular, os cultos destinados à cura e libertação, a luta contra as religiões de matriz africana, uma visão mística da ação do espírito, que engloba elementos de outras religiões, inclusive pagãs (distribuição de fitinhas, vassouras unguidas, águas e óleos consagrados para proteger do mal) e a centralização na figura de um líder carismático.

²² MACHADO; BURITY, 2014, p. 604.

²³ MARIANO, R. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011, p. 247.

²⁴ ANDERSON, A. Varieties, taxonomies, and definitions. In: ANDERSON, A.; BERGUNDER, M.; DROOGERS, A.; VAN DER LAAN, C. (Eds.). *Studying global pentecostalism: theories and methods*. Berkeley: University of California Press, 2010, p. 13.

²⁵ ROBBINS, J. The globalization of pentecostal and charismatic christianity. *Annual Review of Anthropology*, v. 33, n. 1, p. 117-143, 2004, p. 125.

Entretanto, a característica que mais define os neopentecostais é a teoria da prosperidade.²⁶

As características da teologia da prosperidade podem ser amplamente descritas como uma atitude de esperança em um futuro positivo; uma atitude empreendedora de modos de ganhar dinheiro; o uso de estratégias de melhoria da vida que possam incluir uma ética de trabalho árduo ou como lidar com a vida por meio de orações fortes; dízimo consistente ou emprego de vários meios para semear ofertas de diferentes tipos de proteção, dando assim dinheiro à igreja; e profetas pregadores dotados de poderes especiais para combater o “espírito de pobreza”.²⁷

Perdendo de forma objetiva sua identidade teológica e o sentido histórico de sua existência, em aras de seu “sucesso” enquanto formas eclesialístico-institucionais adaptadas à visão de mundo vigente na sociedade, a maioria das igrejas do chamado protestantismo de missão, principalmente, vai abandonar sua herança eclesiológica fechando-se sobre si mesmas e se transformando em comunidades de refúgio e de autosatisfação individualista de seus fiéis, em tudo adaptadas às exigências do todo poderoso mercado.²⁸

Quando os crentes não desfrutam da riqueza que esperavam, a teologia da prosperidade explica isso em termos de pecados impenitentes que os impedem de realizar as bênçãos de Deus. Se as pessoas vierem a Deus e pedirem perdão por tudo o que fizeram de errado, então suas vidas serão abençoadas. Assim, o agente do sucesso de cada pessoa é a própria pessoa, que precisa se arrepender, crer e viver de acordo com a palavra de Deus. O infortúnio também pode ser fruto do trabalho do diabo, da bruxaria e dos ancestrais, sendo necessário o exorcismo.²⁹

²⁶ VELIQ, F. *Movimento Pentecostal e Neopentecostal: diferenças e semelhanças*. Disponível em: <https://www.ofm.org.br/artigo/movimento-pentecostal-e-neopentecostal-diferencas-e-semelhancas-18052018-090735>. Acesso em: 14 abr. 2020.

²⁷ GIFFORD, P. The prosperity theology of David Oyedepo, Founder of Winners Chapel. In: HEUSER, A. (Ed.). *Pastures of plenty: tracing religio-scapes of prosperity gospel in Africa and beyond*. Frankfurt: Peter Lang, 2015, p. 87.

²⁸ DIAS, 2016, p. 86.

²⁹ GIFFORD, 2015, p. 89.

A ascensão neopentecostal no Brasil

O neopentecostalismo no Brasil teve início no final da década de 1970, quando os líderes evangélicos perceberam que poderiam mobilizar massas crescentes de seguidores e aumentar sua influência política ao tratar dos valores em questões como família, aborto e educação religiosa. Segundo Freston, o pentecostalismo brasileiro teve três ondas; a primeira ocorreu na década de 1900, a segunda na década de 1950 e a terceira onda começou no final da década de 1970, com o neopentecostalismo. Entretanto, no Brasil, os termos protestantes e evangélicos são utilizados de forma intercambiável pela população e por alguns estudiosos.³⁰

O aumento crescente de igrejas neopentecostais tem levado a uma perda da hegemonia católica no Brasil, que tem como fatores endógenos o dinamismo missionário e evangelização das igrejas neopentecostais, suas formas de pregação, expressões rituais e litúrgicas, bem como sua mensagem clara da salvação, divulgadas cada vez mais nas mídias, convocaram grandes multidões em contextos de vulnerabilidade social e em contextos culturais propícios a esse tipo de expressão religiosa. Além desses fatores, existe um conjunto de fatores sociais e culturais exógenos que contribuíram de maneira decisiva de aumentar o pluralismo religioso e cultural na sociedade brasileira, como a forte influência da nova economia capitalista globalizada, que promove a sociedade de consumo, que divulga valores contraditórios à cultura católica tradicional, a oferta educacional por parte das igrejas, a poderosa influência da mídia de massa e as novas tecnologias da informação e comunicação.³¹ Todos esses fatores impactam não somente o panorama religioso, mas influenciam o campo político, como se discorrerá mais adiante.³²

Esse conjunto cada vez mais hegemônico de crenças e práticas rituais cristãs, que está crescendo não apenas no Brasil, mas em outros lugares do mundo, pode ser distinguido analiticamente como igrejas organizadas em torno de um ou vários líderes carismáticos, que usam

³⁰ FRESTON, 2001, p. 95

³¹ PARKER, 2012, p. 29.

³² MOREIRA, A. S. From religious diversity to political competition: the differentiation process of pentecostalism in Brazil. *Religions*, v. 9, n. 14, p. 1-11, 2018, p. 10.

práticas rituais efervescentes destinadas a ‘experimental Deus em carne’, e celebrar ativamente a Teologia da Prosperidade, ou seja, a ideia de que somente através do ‘sacrifício’ de doações em dinheiro e outros presentes para as instituições da igreja, é possível obter uma vida pura, sob a divina Palavra de Deus.³³

Os neopentecostais convivem pacificamente com diversos prazeres deste mundo, como assistir à TV consumir CDs, vestir roupas de moda, mesmo que sensuais, usar produtos e acessórios de embelezamento físico, freqüentar praias, piscinas, cinemas, teatros, shopping centers, praticar esportes, torcer para times de futebol, cantar e dançar nos cultos ao som de ritmos profanos, trabalhar com profissões de artista, modelo, atleta.³⁴

As igrejas neopentecostais adotam um estilo de gestão capitalista na sua administração, fazendo investimentos em mídia e na política. O protótipo dessa profunda mudança no pentecostalismo brasileiro é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977, por Edir Macedo (considerado pela Revista Forbes como o pastor mais rico do mundo), no Rio de Janeiro e que posteriormente se expandiu para diversos países. Durante as últimas décadas, algumas igrejas pentecostais mais antigas, como a Assembleia de Deus, passaram por uma espécie de neopentecostalização, ou processo de *aggiornamento*, com diferentes intensidades.³⁵

Duas importantes igrejas neopentecostais, Deus é Amor e Igreja Universal do Reino de Deus, aplicam um proselitismo agressivo, estabelecendo milhares de igrejas, não apenas no Brasil, mas também em todo o mundo. O neopentecostalismo brasileiro é definido não apenas pela interação de diferentes estilos decorrentes das características das três ondas, mas também rearticulando seu relacionamento com outros grupos

³³ SHAPIRO, 2019, p. 8.

³⁴ MARIANO, 2011, p. 242.

³⁵ COSTA, M. C. C. *O aggiornamento pentecostal brasileiro: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz-MA (1980–2010)*. 2017. 394f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Sao Leopoldo, 2017, p. 284.

protestantes e sociedade em geral e hoje representa um verdadeiro desafio à cultura católica brasileira.³⁶

A liberalização dos costumes ou redução das demandas eclesiais é uma característica forte dessas igrejas, que se esforçam para estabelecer mediações religiosas que legitimam objetivos seculares sintonizados com outras tendências da cultura moderna. Por sua vez, esse esforço energiza as culturas religiosas locais. Portanto, o antagonismo entre o secular e o sagrado está no núcleo do neopentecostalismo, transpondo a santidade, a distância entre o mundo e a afiliação divina, em uma espécie de garantia de proteção e sucesso.³⁷

Superando divisões sucessivas em sua própria história, se coloca à disposição do povo e se torna parte de suas culturas. Ao utilizarem extensivamente as mídias, criam uma indústria cultural evangélica que acompanha o crente em sua casa e amplifica a mensagem transmitida nas igrejas. Essa indústria cultural se expande por sua capacidade de se ajustar nas culturas dos seus seguidores, criando uma identidade evangélica e uma prática institucional capaz de regular as vidas das pessoas.³⁸

A dinâmica da adaptação, criando raízes na cultura e no ethos tradicional brasileiro, bem como sua capacidade de responder às necessidades individuais imediatas, ajudou o neopentecostalismo a se remodelar e a conquistar um papel importante na esfera pública, oferecendo uma ampla variedade de estilos, teologias, liturgias e produtos adequados aos grupos socioeconômicos, culturais, de gênero e étnicos mais diversos da sociedade.³⁹

A influência neopentecostal na política brasileira

Política e socialmente, o neopentecostalismo se originou em igrejas onde a maioria dos fiéis eram pessoas pobres e oprimidas e seus primeiros líderes eram cristãos da classe trabalhadora, com uma experiência de

³⁶ COSTA, 2017, p. 161.

³⁷ ORO, A. P.; WALTON-SCHAFER, A. Pentecostalism in the Southern Cone countries: overview and perspectives. *International Sociology*, v. 15, n. 4, p. 605-627, 2000, p. 616.

³⁸ ORO; WALTON-SCHAFER, 2000, p. 619.

³⁹ MOREIRA, 2018, p. 10.

vida muito semelhante às pessoas que lideravam. Esses fatores dão um grande apelo em partes do mundo onde a pobreza e a injustiça social são mais marcantes, pois aborda essas dificuldades de maneira muito prática e as igrejas funcionam como comunidades de ajuda mútua e fornecem soluções alternativas para esses problemas. Dentro desse fenômeno contemporâneo, surge uma nova forma de poder cristão no Brasil, quando pastores começam a se inserir na política, a fim de defender as ideias e valores que consideram corretos.⁴⁰

Durante o regime autoritário no Brasil (1964-1985), as igrejas cristãs tiveram sua posição marcada entre a defesa dos direitos humanos ou apoio a esses governos. Os principais argumentos das igrejas que defendiam o regime de segurança nacional eram a defesa da civilização cristã contra as ameaças do comunismo e socialismo, enquanto os argumentos das igrejas que defendiam a liberdade e os direitos humanos se dava através de uma teologia que estabelecia o compromisso social da fé cristã. Após os governos militares no Brasil (1964-1985), ocorreu uma predominância de políticas e movimentos neoliberais, até 2003, sempre apoiados pelas igrejas evangélicas em geral. Até então, havia um grande temor em relação a um governo mais progressista se tornar comunista ou que se aproximasse da Igreja Católica, por isso o apoio às candidaturas de partidos políticos mais conservadores.⁴¹

A redemocratização, na década de 1980, teve os seguintes impactos para as denominações neopentecostais:

- a) a percepção de uma oportunidade de sair da invisibilidade e reclamar o acesso à esfera pública institucional que outros setores emergentes começavam a ter; b) a emergência de uma agência interna empurrando para a publicização como caminho para a saída da condição de minoria política e culturalmente subalternizada, e questionando o apoliticismo; c) a confrontação com os setores mais “avançados” dos movimentos sociais – movimento feminista, negro, ambientalista e LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis,

⁴⁰ SHAPIRO, 2019, p. 9.

⁴¹ GONÇALVES, R. B. Religião e representação política: a presença evangélica na disputa eleitoral brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 10, n. 116, p. 13-20, 2011, p. 18.

Transexuais e Transgêneros) e com o mundo da esquerda partidária, cujas bandeiras desafiavam a autocompreensão neopentecostal da política e da participação social.⁴²

A vitória de Luis Inácio Lula da Silva, em 2002, teve o apoio de algumas igrejas neopentecostais, em especial a IURD, devido ao vice-presidente ser evangélico, mas essencialmente pela grande probabilidade de sua campanha ser vitoriosa. O mesmo apoio ocorreu na sua reeleição, em 2006. Assim, através do Partido dos Trabalhadores, os governos procuraram avançar nas políticas sociais, no âmbito de projetos populares ou de desenvolvimento, sem deixar de apoiar políticas de crescimento e de estabilidade. Vale ressaltar que, enquanto para cargos no Legislativo as igrejas neopentecostais apóiam candidatos de dentro de suas fileiras, para o Executivo, o apoio é direcionado a cristãos de diferentes denominações.⁴³

Nesse período, a Igreja Católica, que havia adquirido grande influência com a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), através do papa João Paulo II, tenta renovar o episcopado com nomeações de bispos da ala conservadora, em busca de uma mudança do foco social para o moral.⁴⁴

O declínio de fiéis da Igreja Católica e o crescimento das denominações neopentecostais se tornaram cada vez mais acentuados e essas igrejas começaram a ganhar cada vez mais visibilidade (buscando concessões de canais de rádio e televisão), e posteriormente confrontando os setores que começavam a buscar maior protagonismo no país, através dos movimentos sociais (negro, feminista, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e transgêneros – LGBT). Membros das igrejas neopentecostais, na maioria pastores, passaram cada vez mais a se candidatar a cargos eletivos, obtendo grande apoio entre os fiéis de suas religiões. A partir de então, esses candidatos passaram a representar especificamente as suas comunidades religiosas, ampliando a força política dessas igrejas. Assim, as igrejas neopentecostais não apenas cresceram e se fortaleceram em número de fiéis, mas buscaram, e conseguiram,

⁴² MACHADO; BURITY, 2014, p. 604.

⁴³ GONÇALVES, 2011, p. 18.

⁴⁴ PARKER, 2012, p. 56.

ocupar espaços no poder do Estado, através de filiações e candidaturas em partidos mais conservadores.⁴⁵

Os líderes neopentecostais, portanto, mudaram de um grupo que tendia a se desassociar da vida política pública e formal, e assumiram um papel mais sistemático e calculado na esfera política. Neste momento, surgiram os “Políticos de Cristo”, conservadores, em uma participação que ocorreu de forma constante e crescente ao longo dos anos.⁴⁶

Esses deputados não faziam parte da elite política tradicional; estavam na primeira legislatura, eleitos com base nas conexões com suas igrejas. Para Pierucci e Prandi, embora o objetivo inicial dos evangélicos ao entrar na política possa ter sido adquirir um número maior de seguidores religiosos, acabaram almejando ir além, proclamando que, ou “o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhece o Estado”.⁴⁷

Os políticos neopentecostais consideram que a participação política é a vontade de Deus e a igreja não pode se furtar a ela, pois isso significa fracassar e se divorciar de todo relacionamento humano que envolva o poder, de uma maneira ou de outra. Assim, as igrejas precisam estar na política para proteger a dignidade, os direitos e os valores humanos, atuando como um antídoto para o anonimato do poder de Deus. Devem, portanto, ser uma vigilância moral na política e na consciência da nação, necessária para a sua construção.⁴⁸

Adotando a Teologia do Domínio, segundo a qual Deus teria prometido o domínio e governo de territórios, além de fartura, aos seus seguidores, essas denominações religiosas apresentam um projeto bem definido de expansão, que são: “controle dos corpos, manutenção de privilégios e, por fim, não menos importante, as próprias questões do poder”.⁴⁹

A Frente Parlamentar Evangélica (FPE), também conhecida como Bancada Evangélica, criada em 2003, a fim de fortalecer os interesses dessas igrejas, principalmente as neopentecostais, sendo formada, em sua

⁴⁵ MACHADO; BURITY, 2014, p. 605.

⁴⁶ PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 168.

⁴⁷ PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 174.

⁴⁸ GIFFORD, 2015, p. 89.

⁴⁹ HANKE, E.; GABATZ, C. Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder. *Reflexus*, v. 12, n. 20, p. 723-729, 2018, p. 729.

maioria, por deputados das Assembleias de Deus e IURD, que se opõem em muitos aspectos, mas mantêm-se unidas para defender o conservadorismo moral, passou a ser decisiva para a aprovação de diversas matérias levadas ao Congresso. Nesse contexto, a relação entre o Estado e a igreja ocorre com altos e baixos no plano dos direitos morais e sexuais reprodutivos, havendo um cuidado dos governantes não apenas em conquistar e agradar as igrejas católica, protestantes, evangélicas e outras denominações.

Já nas eleições de 2010, durante a campanha eleitoral, a insatisfação com vários avanços na área dos direitos das minorias começou a se tornar cada vez maior, entretanto, o apoio das igrejas neopentecostais se manteve até 2016, mesmo havendo momentos de tensão, como, por exemplo, quando o governo lançou o Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), onde defendia o casamento homossexual e a descriminalização do aborto.⁵⁰

A partir do *impeachment* de Dilma Roussef, em 2016, que teve como principal protagonista o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, evangélico, os neopentecostais romperam definitivamente com o Partido dos Trabalhadores, voltando seu apoio a Michel Temer, que assumiu a presidência do país, denotando que seu maior objetivo era permanecer junto ao centro do poder. Para tanto, fazem uso do discurso de batalha, no qual os políticos de Cristo se colocam como soldados contra os inimigos das famílias. A unidade neopentecostal é guiada pelos princípios de moralidade conservadora, que está em risco, de acordo com esses políticos. O discurso mencionado também encontra força nos moralistas, onde muitos nem são membros de nenhuma denominação evangélica, mas recebem influência dos meios de comunicação, pois “o discurso da defesa moral vai além dos rótulos da igreja e está relacionado ao superego cultural brasileiro”.⁵¹

O interesse pela política não é o objetivo dos fiéis, mas daqueles que lideram essas igrejas. “A politização externa é a articulação da cúpula e

⁵⁰ LACERDA, F. *Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo*. 2017. 145f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 17.

⁵¹ CUNHA, M. N. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Prismas, 2017, p. 91.

não da Igreja”. Nesse contexto, elegem políticos para defender causas específicas, fragmentando e particularizando ainda mais o campo político alinhado com a plataforma neoliberal, que defende a ação mínima do Governo Federal, soberania do mercado, conservadorismo moral, entre outras questões.⁵²

Para obter o apoio incondicional desses fiéis, os líderes religiosos constroem um cenário de perseguição, necessitando, portanto, da presença de representantes da igreja na política, para que possam proteger os valores religiosos e sua liberdade litúrgica. Aliado a essa proteção, está a ideia de que a moral desses políticos pode restaurar a ética e acabar com a corrupção no país. Para tal, adotam o discurso de que a representação política fora dos quadros religiosos é altamente corrupta, sem qualquer senso de moralidade.⁵³

A organização neopentecostal assimilou o padrão despótico da política brasileira, uma organização autoritária, que exclui o crente de participar de todas as decisões. Esse ambiente desenvolve uma construção de caráter antidemocrático e uma cultura contra o bem-estar coletivo, com uma pauta que condena tudo que poderia ser discutido em relação à diversidade, liberdade e direitos.⁵⁴

Segundo Baptista, o neopentecostalismo tem uma atração peculiar por regimes autoritários, devido às afinidades entre eles e suas estruturas eclesiais. Quando as igrejas Assembleia de Deus (denominação pentecostal, mas que assimilou muitas características neopentecostais) e IURD entraram na arena política, o fizeram de maneira corporativista, adotando um comportamento populista de manipular os seus fiéis para obter benefícios eleitorais e, ao fazerem isso, repetiram e atualizaram um antigo padrão de estratégia política: os “currais eleitorais”⁵⁵,

⁵² ALENCAR, G. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013, p. 251.

⁵³ ORO, A. P. Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Civitas*, v. 3, n. 1, p. 97-109, 2003, p. 104.

⁵⁴ DIP, A. *Em nome de quem?: a bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 98.

⁵⁵ A expressão “curral eleitoral” ou “voto de cabresto”, é utilizada para designar a condução, sob coação ou suborno, dos eleitores às seções eleitorais, prática comum nas primeiras décadas republicanas, quando os grandes latifundiários (os coronéis) supervisionavam os votos dos seus colonos. Como havia grande dependência destes,

ao assistir seus fiéis em espaços carentes de políticas públicas.⁵⁶

Ao fazer uma avaliação da atuação dos políticos ou dos partidos que estão no poder, é possível que o eleitor neopentecostal faça comparações entre as promessas dos políticos, de modo geral, e a atuação concreta dos trabalhos assistenciais desenvolvidos pelas igrejas, associados aos candidatos apoiados por elas. Optar por votar em políticos ligados a melhorias reais na comunidade, embora sejam limitadas e não substituam a atuação do governo, adequa-se ao que se espera da ação racional de optar pela alternativa que, de acordo com a previsão do eleitor, trará a maior utilidade.⁵⁷

Assim, as incursões evangélicas na política foram dominadas por atores neopentecostais pragmáticos, que procuraram traduzir o ativismo religioso em apoio eleitoral. Em alguns casos, a identidade evangélica também serviu para construir grupos parlamentares e, conseqüentemente, para a articulação política dos interesses corporativos, transversalmente à filiação partidária, em comissões do Congresso, defendendo pautas conservadoras, esses representantes foram alcançando um expressivo número de votos para o Legislativo⁵⁸

O crescimento da Bancada Evangélica possibilitou a esse grupo um significativo poder político, que tem sido utilizado para frear as pautas do Poder Executivo e impedir que direitos sejam conquistados, como o caso da população LGBT, direitos reprodutivos, dentre outras propostas voltadas a minorias, devido ao que Silva denomina ‘lobby moral’.⁵⁹

que eram desassistidos pelo Poder Público, e o voto era aberto, não havia outra alternativa a não ser votar no candidato determinado pelo coronel. SIGNES, A. F. A proibição da selfie na urna em busca da salvaguarda do voto secreto: exagero, formalismo ou necessidade? *Estudos Eleitorais*, v. 10, n. 3, p. 2015, p. 19.

⁵⁶ BAPTISTA, S. *Pentecostais e neopentecostais na política brasileira*. São Paulo: Ananblume-Metodista, 2009, p. 383.

⁵⁷ OLIVEIRA, I. C. V. A teoria da escolha racional e o comportamento eleitoral neopentecostal. *Pensamento Plural*, v. 10, n. 1, p. 101-117, 2012, p. 114.

⁵⁸ ZILLA, C. Evangelicals and politics in Brazil: the relevance of religious change in Latin America. *SWP Research Paper*, v. 1, n. 1, p. 10-31, 2020, p. 29.

⁵⁹ SILVA, L. G. T. O Brasil ao pé da cruz: notas sobre a representação política de pentecostais e neopentecostais. *Pensamento Plural*, v. 17, n. 1, p. 101-127, 2015, p. 121.

Por conta deste “*lobby moral*” a democracia brasileira está limitada a se ver diante de sérios obstáculos para se pensar a discussão de agendas no campo dos direitos humanos. Este expediente é central para a vitalidade da democracia, pois a ampliação de direitos às minorias tornou-se tema de primeira importância para a legitimidade dos sistemas democráticos. Isto porque, é consenso a existência de elementos estruturais que excluem historicamente as minorias de direitos sociais e políticos, por isso é imperativo a existência de políticas de correção destas injustiças. Não obstante, na contramão de boa parte das democracias liberais do ocidente, a atuação de pentecostais e neopentecostais na política nacional tornou a discussão destes temas quase um tabu.⁶⁰

Entretanto, diante do poder político cada vez maior, calcados em uma campanha defendendo os valores cristãos, ‘pela vida e pela família’, os evangélicos, liderados pelos neopentecostais, alçaram voos ainda maiores, buscando assumir também o Executivo. Um exemplo notório foi a eleição do Bispo Marcelo Crivella, da IURD, como prefeito do Rio de Janeiro, em 2016. Nesses termos, o poder neopentecostal aposta nas distinções entre puro e impuro, amigos e inimigos, abençoados e amaldiçoados. Isso constitui uma forma de participação política baseada no antagonismo entre bem e mal, luz e trevas, anjos e demônios, em suma, entre neopentecostalismo e o resto.⁶¹

Na campanha presidencial de 2018, o candidato Jair Bolsonaro, apoiado pelos evangélicos e católicos tradicionalistas, apesar de ter feito uma campanha calcada em discursos difamatórios, através de compartilhamento em massa de notícias falsas de cunho moral e político sobre os adversários, venceu a corrida presidencial. Em 2016, Jair Bolsonaro, que se afirma católico, foi batizado no rio Jordão, junto com seus filhos, em Israel, por um pastor da Assembleia de Deus, sendo este ato considerado uma estratégia (bem sucedida) para alcançar o eleitorado evangélico. Sua imagem foi construída com base no conservadorismo moral e na noção de libertação do país de uma ameaça comunista, representada pelo PT.⁶²

⁶⁰ SILVA, 2015, p. 121.

⁶¹ GOMES, L. G.; ALVES, T. B.; THORSTENSEN, C.; SOARES, I. A. As eleições brasileiras de 2018 e o mundo digital: um estudo de caso sobre o jogo digital Bolso-mito 2k18. *Vibrante: Antropologia Brasileira Virtual*, v. 16, n. 1, p. 1-23, 2019, p. 3.

⁶² ALMEIDA, R. Deus acima de todos. In: Vários autores. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 36.

A onda conservadora no país pode ser considerada a culminância do projeto de poder dos neopentecostais, coroada pela eleição de um candidato apoiado por suas igrejas. O sentimento de nostalgia que dominou a população levou-a a defender a volta do regime militar, em um negacionismo histórico que fez dos professores e intelectuais seu maior alvo, tratando-os como doutrinadores. Ao distorcer o passado, o período autoritário foi propagado como um tempo livre da violência, da corrupção e dotado de senso moral. Diante dessa falsa imagem, os seguidores do então deputado federal aplaudiram seu voto no processo de impeachment de Dilma Roussef, quando demonstrou abertamente sua admiração por aqueles que torturaram e mataram, na figura de Carlos Alberto Brilhante Ustra, exaltado por Bolsonaro, como forma de ferir a presidente, que no passado havia sido torturada por este coronel.⁶³

Bolsonaro, o mito, como é denominado por seus seguidores, estabeleceu sua campanha eleitoral com discursos contrários aos direitos das minorias, enquanto gesticulava positivamente em direção aos valores cristãos tradicionais (especificamente neopentecostais) como uma forma de restabelecer a ordem. Dessa forma, católicos, evangélicos e conservadores uniram forças contra Fernando Haddad, candidato do PT à presidência, defendendo Bolsonaro como o salvador do país.⁶⁴

A campanha eleitoral tinha o slogan ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de tudo’, reunindo ao seu redor o grupo evangélico que o acompanhou através de declarações na mídia e foi representado por sua liderança, o pastor e senador Magno Malta. Nem a sua imagem fazendo seu gesto de marca registrada, ou seja, apontando com as duas mãos como um rifle, conseguiu manchar sua imagem divinizada. Assim, embora suas declarações estivessem opostas aos ensinamentos de Jesus Cristo para com os pobres e marginalizados, ou para com os sacerdotes, Bolsonaro era visto como vigia de Deus, no sentido de usar ‘armas’ para a defesa das pessoas boas e inocentes, declarando que “bandido bom é bandido morto”.⁶⁵

⁶³ ALMEIDA, 2019, p. 38.

⁶⁴ BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. *Network propaganda: manipulation, desinformation, and radicalization in American politics*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 39.

⁶⁵ MENDES, C. H. A política do pânico e circo. In: Vários autores. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 238.

A partir da eleição de Bolsonaro, o poder dos neopentecostais chegou ao seu ápice. Apesar de eleito democraticamente, não se pode esquecer que esse resultado foi acompanhado de todos os tipos de manobras e golpes baixos, incluindo sua influência no Estado, forte presença nos meios de comunicação e nas redes sociais “profissionais”, para atacar, enfraquecer, desfigurar e, se possível, destruir seus oponentes religiosos ou mesmo jornalistas críticos, em um exemplo claro de práticas agressivas e predatórias encabeçadas pelos neopentecostais.⁶⁶

Conclusão

Ao se pesquisar as denominações cristãs neopentecostais no Brasil, é possível observar que compartilham muitos elementos das denominações pentecostais mais antigas, como o batismo no Espírito Santo, os rituais de cura, exorcismo, os transes e o falar em línguas. O traço que mais as distingue das demais igrejas evangélicas se refere à teologia da prosperidade, incluindo a ênfase no desejo de Deus de abençoar seus seguidores com riqueza e saúde, além de estratégias de melhoria de vida.

A dinâmica dessas denominações religiosas, que criou raízes na cultura e no ethos tradicional brasileiro, devido à sua capacidade de responder às necessidades materiais individuais imediatas, ajudou o neopentecostalismo a se remodelar e a conquistar um papel importante na esfera pública do país. Atingindo uma ampla variedade de grupos socioeconômicos, culturais, de gênero e étnicos, tornaram-se verdadeiras fontes de voto, utilizando os púlpitos de suas igrejas para a propaganda política, com um discurso moralizador, sempre em nome da família e dos valores tradicionais.

Assim, os mandatos políticos tornaram-se uma extensão do ministério do pastor, aumentando ainda mais o poder desses líderes sobre as suas congregações. Por outro lado, os candidatos atuam como representantes de suas igrejas. Vale ressaltar que aqui não se considera que esses líderes religiosos sejam candidatos piores que os demais. Entretanto, uma vez

⁶⁶ SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: Vários Autores. *Democracia em crise?* 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 311.

eleitos, não têm defendido uma agenda política baseada na autonomia, democracia ou respeito aos valores republicanos de um indivíduo, sendo geralmente aliados ao grande lobby dos agricultores e às forças políticas conservadoras, e apresentando-se contrários a projetos que possam beneficiar os movimentos sociais e as minorias, sobretudo em questões familiares, sexuais e de gênero. Entretanto, apesar dessa atuação conservadora e moralizadora, diversos políticos neopentecostais já foram presos em escândalos de dinheiro e corrupção.

Se, em um primeiro momento, a entrada do segmento religioso na política não se mostrava preocupante ou ameaçava o Estado secular brasileiro, diante do aumento constante do número de deputados e senadores eleitos com o voto dos fiéis dessas igrejas e sua organização na Bancada Evangélica tem mostrado-se como uma estratégia política sistemática para ocupar espaço e aparelhos estatais, a fim de favorecer seus interesses político-religiosos.

A partir de ataques aos governos instituídos, levando seus fiéis e a ala mais conservadora da sociedade a considerar que o país estava afundado em corrupção, que ocorre doutrinação nas escolas e universidades e que estava prestes a ser dominado pelo comunismo, as igrejas neopentecostais perceberam que seu projeto de poder poderia ir além do Legislativo, começando, a partir de então, uma campanha em favor de um candidato que poderia executar, na presidência da República, todas as suas pautas liberais e conservadoras. Foi nesse contexto que um deputado federal sem qualquer representatividade no Congresso se alçou a presidente do país, através de uma campanha a partir dos núcleos dessas igrejas, onde seu slogan, “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, era ironicamente negado, através dos discursos de ódio, misóginos, racistas, armamentistas e de difamação dos seus opositores. Parte da população, como em transe, adotou como verdade absoluta todo o discurso político e religioso excludente do então candidato. Após sua vitória, o presidente, longe de apaziguar a polaridade exaltada no período de campanha, continua uma disputa ideológica que escapa ao universo dos argumentos racionais, encontrando terreno fértil entre aqueles que ainda o seguem, o que demonstra que os neopentecostais não somente o alavancaram ao poder, mas o sustentam no cargo, pelo menos enquanto estiver a serviços dos seus interesses, como fizeram em governos passados.

Não há como saber do futuro do país com o atual governo, mas pode-se esperar um aprofundamento dos discursos conservadores e moralistas, que podem prejudicar significativamente os direitos humanos fundamentais, além de um cerceamento às liberdades individuais e ao pluralismo religioso, com atitudes e visão de mundo que dificilmente é o tipo de mentalidade que ajudará o país, como sociedade, a participar plenamente do mundo moderno da democracia.

Referências

- ALENCAR, G. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.
- ALMEIDA, R. Deus acima de todos. In: Vários autores. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, J. E.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L. F.; CARVALHO, A. A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo e Sociedade*, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017.
- ANDERSON, A. Varieties, taxonomies, and definitions. In: ANDERSON, A.; BERGUNDER, M.; DROOGERS, A.; VAN DER LAAN, C. (Eds.). *Studying global pentecostalism: theories and methods*. Berkeley: University of California Press, 2010.
- ANDERSON, R. M. *Vision of the disinherited: the making of american Pentecostalism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- BAPTISTA, S. *Pentecostais e neopentecostais na política brasileira*. São Paulo: Annablume-Metodista, 2009.
- BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. *Network propaganda: manipulation, desinformation, and radicalization in American politics*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BERGUNDER, M. The cultural turn. In: ANDERSON, A.; BERGUNDER, M.; DROOGERS, A.; VAN DER LAAN, C. (Eds.). *Studying global pentecostalism: theories and methods*. Berkeley: University of California Press, 2010.
- COSTA, M. C. C. *O aggiornamento pentecostal brasileiro: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz-MA (1980-2010)*.

2017. 394f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Sao Leopoldo, 2017.
- CUNHA, M. N. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Prismas, 2017.
- DIP, A. *Em nome de quem? a bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- GIFFORD, P. The prosperity theology of David Oyedepo, Founder of Winners Chapel. In: HEUSER, A. (Ed.). *Pastures of plenty: tracing religio-scapes of prosperity gospel in Africa and beyond*. Frankfurt: Peter Lang, 2015.
- GOMES, L. G.; ALVES, T. B.; THORSTENSEN, C.; SOARES, I. A. As eleições brasileiras de 2018 e o mundo digital: um estudo de caso sobre o jogo digital Bolsomito 2k18. *Vibrante: Antropologia Brasileira Virtual*, v. 16, n. 1, p. 1-23, 2019.
- GONÇALVES, R. B. Religião e representação política: a presença evangélica na disputa eleitoral brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 10, n. 116, p. 13-20, 2011.
- HANKE, E.; GABATZ, C. Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder. *Reflexus*, v. 12, n. 20, p. 723-729, 2018.
- LACERDA, F. *Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo*. 2017. 145f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MACHADO, M. D. C.; BURITY, J. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. *Dados*, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014.
- MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011.
- MENDES, C. H. A política do pânico e circo. In: Vários autores. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MOREIRA, A. S. From religious diversity to political competition: the differentiation process of pentecostalism in Brazil. *Religions*, v. 9, n. 14, p. 1-11, 2018.

- OLIVEIRA, I. C. V. A teoria da escolha racional e o comportamento eleitoral neopentecostal. *Pensamento Plural*, v. 10, n. 1, p. 101-117, 2012.
- ORO, A. P. Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Civitas*, v. 3, n. 1, p. 97-109, 2003.
- ORO, A. P.; WALTON-SCHAFFER, A. Pentecostalism in the Southern Cone countries: overview and perspectives. *International Sociology*, v. 15, n. 4, p. 605-627, 2000.
- PARKER, C. (Ed.). *Religión, cultura y política en América Latina: nuevos enfoques*. Introdução. Santiago do Chile: Universidade de Santiago do Chile, 2012.
- PARKER, C. ¿América latina ya no es católica? El incremento del pluralismo cultural y religioso. In: LLAMBIAS-WOLFF, J. (Ed.). *América Latina: paradigmas y desafíos del siglo XXI*. York: York University Bookstore, 2012.
- PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade, e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- ROBBINS, J. The globalization of pentecostal and charismatic christianity. *Annual Review of Anthropology*, v. 33, n. 1, p. 117-143, 2004.
- ROBRA, M. The world council of churches and Pentecostals. *The Ecumenic Review*, v. 71, n. 1-2, p. 161-174, 2019.
- SHAPIRO, M. Brajisaalem. Biblical cosmology, power dynamics and the Brazilian political imagination. *Ethnos Journal of Anthropology*, v. 73, n. 1, p. 1-21, 2019.
- SIGNES, A. F. A proibição da selfie na urna em busca da salvaguarda do voto secreto: exagero, formalismo ou necessidade? *Estudos Eleitorais*, v. 10, n. 3, p. 2015.
- SILVA, L. G. T. O Brasil ao pé da cruz: notas sobre a representação política de pentecostais e neopentecostais. *Pensamento Plural*, v. 17, n. 1, p. 101-127, 2015.
- SILVA, Y. G.; COELHO, L. D.; VIEIRA, R. C. C. A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para difusão do cristianismo. *Sacrilegens*, v. 9, n. 1, p. 165-176, 2012
- SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: VVAA. *Democracia em crise? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VELIQ, F. *Movimento Pentecostal e Neopentecostal: diferenças e semelhanças*. Disponível em: <https://www.ofm.org.br/artigo/movimento-pentecostal-e-neopentecostal-diferencas-e-semelhanças-18052018-090735>. Acesso em: 14 abr. 2020.

WHITE JR, C. *The rise to respectability: race, religion, and the Church of God in Christ*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2012.

ZILLA, C. Evangelicals and politics in Brazil: the relevance of religious change in Latin America. *SWP Research Paper*, v. 1, n. 1, p. 10-31, 2020.

Submetido em: 27/04/2020

Aceito em: 03/07/2020